

**A ESCRITA DA CIDADE:
A NATAL DE POLYCARPO FEITOSA E BRAZ CONTENTE, (1899-1909)**

Flávia Emanuely Lima Ribeiro*

Palavras iniciais

Neste trabalho utilizamos como fontes o texto da conferência *Natal D'aqui a cincoenta annos* (1909), além de textos publicados por Manoel Dantas no periódico *A Republica*, do qual foi redator-chefe, na coluna *Coisas da Terra*, em que tratava de diversos temas, dentre eles o desejo de construção de uma Natal moderna, além de outros textos publicados por Antônio José de Melo e Souza. Na análise das referidas fontes destacamos alguns conceitos, tais como: representação e espaço de vivência e horizonte de expectativa, conceitos que serão melhor apresentados na parte destinada a discussão do tema.

Uma Natal sonhada

Ainda no final do século XIX, um periódico potiguar trazia em sua publicação um artigo tratando da capital:

Natal é uma pobre e pequena cidade de edificação irregular e mesquinha: faltão-lhe por enquanto, arrabaldes pitorescos e amenos; os recursos da alimentação são pouco variados e por preços inacessíveis à pobreza; a iluminação muito elementar e parea, é feita por verdadeiras lamparinas, cheias de um recato penumbroso e tímido (...) (O CAIXEIRO, 26 out. 1892)

As percepções do escritor expressam um pouco do sentimento que se instaurou na pequena cidade. A provinciana Natal também queria participar dos processos de modernização vivido por outras capitais brasileiras a exemplo das grandes metrópoles europeias, dentre elas, Paris.

A criação do Bairro de Cidade Nova, no ano de 1902, foi uma tentativa de introduzir na capital um bairro com características como as acima descritas, além de conferir a cidade um núcleo moderno, que era desejado por sua elite. Ainda no início do século XX, a cidade do Natal vivia um processo de modernização, marcado por intervenções no espaço urbano; por outro lado, as resoluções municipais buscavam redefinir costumes populares, entre outros aspectos. Nesse período, o discurso das elites apelava para construção de uma nova cidade.

* Estudante, UFRN/ Graduanda em História-UFRN. E-mail: flavinha_emanuely@yahoo.com.br. Bolsista de apoio técnico CNPq do grupo de pesquisa *Os espaços na modernidade*, coordenado pelo professor Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.



Uns dos principais meios de propagação dos ideais de modernidadeⁱ eram os periódicos. Em Natal, o jornal *A Republica*, periódico oficial do partido Republicano, ao discorrer sobre o novo bairro de Cidade Nova, afirmava que:

Vé-se dessa resolução que o Governo Municipal compreendeu as vantagens e futuro grandioso da Cidade Nova, como o bairro desta capital destinado a ser o núcleo da grande cidade que, neste século será Natal, talvez uma das maiores do Brasil, uma das mais importantes do mundo (*A CIDADE Nova. A Republica*, Natal, 7 jan. 1908).

O novo bairro responderia, em parte, aos anseios por um espaço que reunisse uma paisagem agradável aos olhos e o contato com a natureza. Com sua criação determinada pela resolução de nº 55 no ano de 1902, a cidade nova seria um bairro modelo que representaria os ideais de pitoresco e ameno, tão bem quistos pela elite natalense.

Tais ações mostram que o início do século XX foi palco de importantes intervenções no espaço urbano da capital potiguar. Os autores de *O corpo e a alma da cidade*, afirmam que, entre os anos de 1900 e 1930 há uma série de ações sistematizadas do Estado na produção do espaço urbano da cidade do Natal. Nesse período tem-se a “criação de uma rede de distribuição de água, saneamento, energia elétrica, coleta de lixo, introdução do sistema de transporte urbano (o bonde, primeiro puxado por burros, depois elétrico, seguido pelos ônibus), o embelezamento de praças e avenidas e a criação de dois novos bairros” (ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, 2008, p. 81).

Polycarpo e Braz Contente

Traduzindo os anseios da urbe, em momentos diferentes, Antônio José de Melo e Souza e Manoel Dantas escreveram sobre a mesma Natal, mas vista sob perspectivas diferentes. Para Souza a Natal de 1899 ainda tinha muito da pacata Vila e precisava de mudanças. Segundo ele, a visão do estrangeiro ao chegar à “pequena cidade” era:

A modesta capital, dividida em dois pequenos bairros de ruas impossíveis, ou sem calçamento ou grosseiramente calçadas de pedra bruta, sem edifícios, sem jardins, com pequeno comércio e nenhuma indústria, parecerá mais uma vila pacata de interior do que uma capital marítima (SOUZA, 2011, p. 12).

Os dois “pequenos” bairros, aos quais Souza se referia eram a Cidade Alta e a Ribeira. Segundo Souza, os bairros ainda sofriam com os problemas de locomoção entre moradores, pois com suas ruas “impossíveis” os moradores da Ribeira tinham dificuldades de

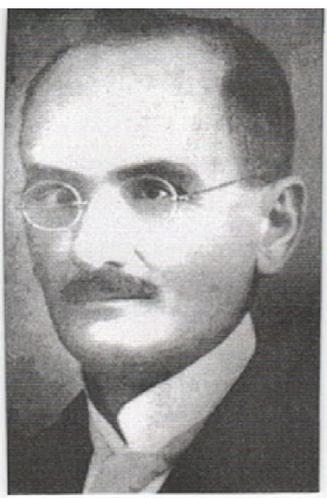
chegar à cidade e Alta e vice-versa. Parte desse problema só foi solucionada em 1908, com a chegada de bondes puxados por animais.

Tratando de outros aspectos ligados a fala de Souza, veremos que Antônio José participou da gestão do Estado sendo deputado, senador e por duas vezes governador. Nos primeiros anos da República criticava a apatia da capital, como homem público, criticou também a figura do funcionalismo público. Em *Vida Potiguar* (1899), Souza não se limitou apenas ao espaço físico da cidade, mas também pensou os seus transeuntes, para Souza a “apatia” da cidade em 1899, era reflexo do próprio natalense, definidos, também, como “transeuntes cheios de si” (SOUZA, 2011, p. 21). Enquanto Dantas, anos mais tarde, em 1909, sonhava com uma Natal do Futuro. O discurso de Manoel Dantas pode ser tido como uma forma de representação da cidade do Natal. Em parte, a escrita desse intelectual expressa suas inquietações sobre a cidade na qual vivia; revela também os anseios do grupo social do qual Dantas fazia parte.

Manoel Dantas, em 21 de março de 1909, proferiu a conferência *Natal D'aqui ha cincoenta annos*, no Palácio do Governo. Nesta, o conferencista se investiu no papel de portador de um projeto para uma Natal do futuro, especificamente para o ano de 1959. Dantas recorria a mudanças no corpo da capital potiguar, tais como a construção do Teatro Carlos Gomes, o bonde de tração animal que ligou os dois bairros mais antigos da cidade, a Ribeira e a Cidade Alta, dentre outras. Essas mudanças eram vivenciadas pelos natalenses no início do século XX, no momento em que aquele proferiu seu discurso em prol de uma urbe moderna.



Dr. Manoel Dantas, à esquerda, com insígnias da maçonaria. **Fonte:** SILVA; ESTEVAM; FAGUNDES, 2001.



Antônio José de Melo e Souza > Disponível em:<<http://www.google.com.br/imgres?um=1&>> Acesso em: 28 set. 2012.

Sobre o gênero *conferência*, é importante salientar que datam de 1870 (BROCA, 1975, p. 136).

As primeiras conferências foram realizadas em Paris por Ernest Lecouvé e Henri Brisson., tratando de temas filosóficos e sociais, especificamente do aperfeiçoamento moral do povo e de sua felicidade.

No Brasil, as conferências datam de 1875. Essas conferências brasileiras, diferentes das francesas, vão assumir um caráter literário, tendo uma difusão maior nas primeiras décadas do século XX. Elas trataram de diversos temas. A difusão desse gênero no Brasil foi chamada de “Conferenciomania” por Olavo Bilac: “Tivemos conferências com música, escreve o poeta, conferências com música e canto, conferências com dança, conferências com projeções de lanterna mágica, conferências com ilustrações a *crayon*.” (BROCA, 1975, p. 136).

O discurso de Manoel Dantas pode ser tido como uma forma de representação da cidade do Natal. Em parte, a escrita desse intelectual expressa suas inquietações sobre a cidade na qual vivia; revela também os anseios do grupo social do qual Dantas fazia parte.

Ao atentarmos para a representação que Manoel Dantas fez de sua cidade, Natal, destacamos que essa representação reflete uma construção, não somente de um indivíduo em particular, mas os esforços de uma elite potiguar preocupada em moldar uma nova cidade, uma urbe moderna.

Ao usarmos o conceito de representação, tomamos como referência os escritos de Roger Chartier, sobre a referida temática. Segundo este autor, o conceito de representação ocuparia, para uma nova abordagem historiográfica, o lugar central. Como “pedra angular”, as representações permitiriam discutir e articular três maneiras com que se constroem as relações

com o mundo social, a dizer (CHARTIER, 1988, p. 23): 1) as operações de classificação e delimitação que os grupos sociais utilizam para construir e ou apreender a realidade; 2) a práticas que implicam (e que fazem reconhecer) uma identidade social, que estruturam uma maneira de estar no mundo e que significam (simbolicamente) uma posição e um estatuto; e 3) as formas objetivas e institucionais por meio das quais os representantes (coletivos ou singulares) marcam e perpetuam sua existência (do grupo, classe ou comunidade)ⁱⁱ.

Portanto, o jornalista, advogado, homem público, Manoel Dantas visto em seu lugar de fala, membro da elite natalense, deixa transparecer em seu discurso um pouco do que Chartier denomina de as “formas objetivas e institucionais” por meio das quais os representantes (coletivos ou singulares) marcam e perpetuam sua existência. Observe-se que a conferência proferida em 21 de março de 1909 foi antecedida por uma outra intitulada *Costumes Locais*, tendo como palestrante outro membro da elite potiguar, Eloy de Souza. Nessa conferência, realizada em 21 de fevereiro de 1909, Souza fez uma avaliação da situação vivida por Natal, abordando aspectos das relações sociais e dos comportamentos dos natalenses. Sendo assim, Lima afirma que Eloy de Souza, ao discorrer sobre os costumes locais tencionava criar as condições psicológicas para a prospecção, posterior, feita por Manoel Dantas em sua palestra. Aquele conferencista também “vislumbrava o nascimento de uma nova cidade, que seria construída pelos jovens, e que realizaria sonhos de bondade e de civilização. Sonhos estes que, logo em seguida, seriam pintados em cores vivas por Dantas (LIMA, 2000). Vistas em conjunto, as palestras exemplificam as ações que a elite potiguar queria construir, em prol de uma cidade moderna.

Outro conceito utilizado em nosso trabalho será o de espaço de experiência e horizonte de expectativa utilizado na obra de Reinhart Koselleck, *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (KOSELLECK, 2006). Nesta o autor aponta para o fato de que para tematizar o que chamamos de “tempo histórico”, se faz necessário abrir mão de uma abordagem puramente teórica, uma vez que as fontes históricas sozinhas mostram-se insuficientes para sanar a questão. Sendo assim, Koselleck propõe categorias denominadas de espaço de experiência e horizonte de expectativa. Estas, segundo o autor, seriam categorias formais que possibilitam a interpretação da história feita, ou seja, categorias analíticas definidas posteriormente pelo historiador, e determinações históricas que orientam e são orientadas por ações concretas. Portanto, o espaço de experiência é entendido em Koselleck como um passado tornado atual, na perspectiva de que no espaço do presente convivem simultaneamente diversos tempos anteriores preservados na memória e incorporados no cotidiano.



O conceito de horizonte de expectativa é entendido pelo autor como um presente voltado para o futuro, ou seja, são cálculos, planos, esperanças e angústias direcionadas para um tempo ainda não vivenciado, para experiências que ainda não podem ser observadas. Sendo assim, o tempo histórico é resultado das tensões entre experiências e expectativas, ou seja, entre o que vivenciamos e o que almejamos para o futuro.

Tomando como base esses conceitos, entendemos que a palestra de nosso personagem, Manuel Dantas, se enquadra dentro de uma experiência de vivências, a Natal do início do século XX, mas, pensada para um tempo futuro, como Dantas destaca em sua conferência:

Num dos ângulos da praça Augusto Severo, admira-se o palácio da Republica, com seus vintes andares, donde saem diariamente as três edições disputadas pelos seus milhares e milhares de leitores. No alto desse edifício, num mostrador enorme, que, à noite, a eletricidade ilumina de cores caprichosas, são exibidas de minuto em minuto, as notícias de ultima hora que vão chegando de todas as partes do mundo pelo telégrafo sem e as linhas especiais (DANTAS, 2009, p. 20).

Nesse trecho, podemos observar elementos do espaço de vivência de Manoel Dantas, como os símbolos da Praça Augusto Severo e o Palácio da Republica. Simultaneamente, destacamos elementos de um horizonte de expectativa para a Natal das primeiras décadas do século XX. Entre eles, podemos incluir a energia elétrica, que só chegaria em Natal em 1911, mas que já fazia parte da realidade de outras cidades brasileiras.

Manoel Dantas e a Cidade de Natal

Algumas inquietações nos levam a refletir sobre a representação da capital potiguar construída por Manoel Dantas: em qual contexto se constrói tal representação? Em outras palavras, considerando que representações se formam a partir de elementos reais, como a Natal do seu tempo influencia a sua escrita?

Sobre essa escrita é importante observar que Manoel Dantas, como jornalista vinculado ao periódico *A Republica*ⁱⁱⁱ, publicara já algumas matérias e artigos sobre a Natal de seu tempo. É o caso do texto exposto nesse jornal no ano de 1908, no qual Braz Contente, pseudônimo adotado por Manoel Dantas, revela uma mudança na atmosfera da cidade:

Parecia que Natal triste e macambúzio metera-se em brios, todo risos, todo festas, para o início de uma era nova. E algo de novo havia o activo de uma cidade que se prepara para o seu grande surto na moderna civilização: o bonde, encurtando distâncias, acelerando o movimento, criando a vida de rua, é certamente uma verdadeira revolução no meio pacato em que temos permanecido até agora (COISAS da terra. *A Republica*, Natal, 12 set. 1908).

Nessa perspectiva, como as ideias desse intelectual, apresentadas na conferência “*Natal D’Aqui a Cincoenta Anos*”, foram sendo construídas ao longo de sua escrita como jornalista, em especial na coluna *Coisas da Terra*, publicada no início do século XX no referido jornal? Um dos textos dessa coluna, escrito ainda em 1908, exemplifica um pouco do conteúdo da conferência, proferida um ano mais tarde:

Dentre em pouco, Natal será uma das grandes cidades do norte do Brasil. Quando as estradas de penetração trouxeram ao nosso mercado a produção admirável e as riquezas do sertão. Quando os transatlânticos colossais vierem em nossas águas descansar fadigas longas. Dirão que está visão de futuro é uma utopia; responderei que é uma convicção que os fatos vão corroborando. Tive então uma impressão de contentamento profundo ao espetáculo que ofereciam as águas do Potengi, em cuja tranqüilidade com que havia uma exaustão de vida. O sol faiscava sobre a lisura do espelho cristalino, naquela tarde de verão. As colinas cobertas de verdura eram uma moldura cor de esperança na fita prateada na frita prateada do rio. Escalera e canoas, pelejados de gente e mercadorias, iam e vinham de terra para o “Orator”, o “Bragança”, “O Planeta”, “O Cabral”, o “Alagoas”, cinco vapores que afirmavam a vida do nosso porto e a prosperidade do nosso comércio (...) (COISAS da terra. *A Republica*, Natal, 10 ago. 1908).

Outro elemento importante para compreendermos a formação dessa representação de uma cidade moderna em Dantas é a análise do ambiente intelectual do qual o autor fazia parte. Que personagens faziam parte desse ambiente? Pela leitura do livro *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*, nos fornece um quadro inicial desse grupo:

Os membros dessa elite possuíam bibliotecas, recebiam livros, jornais e revistas do Brasil e do exterior, viajavam para o Rio de Janeiro (alguns viveram lá parte de suas vidas, como exigências de suas carreiras), outros se formaram no exterior e retornaram a Natal, desempenhando aqui funções na política, na administração e nos negócios. Em geral liam o francês e o inglês, o que lhes permitia manter-se relativamente a par do que ocorria em outras partes do mundo. Conheciam a cultura européia, com a qual se identificavam fortemente, embora também revelassem interesse pela cultura e pelo modo de viver dos norte – americanos (ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, 2008, p. 81).

Henrique Castriciano, Eloy de Souza, Juvenal Lamartine são alguns dos membros que compõem esse grupo e que conviveram com o nosso personagem principal. Assim indagamos: qual a relação de Dantas com eles? Para fazermos tal questão levamos em consideração, como dissemos, que este escritor representa em alguma medida o pensamento dessa elite.

Os membros da elite de Natal, em grande parte, se formavam no Recife, mantinham contato com a Europa e Estados Unidos, falavam, frequentemente, inglês e francês, lecionavam no Atheneu (principal colégio da cidade), atuavam no principal meio de

comunicação (jornal *A Republica*), e acima de tudo, exerciam direta ou indiretamente uma atividade política.

Nesse sentido, podemos constatar um desejo de transformação, por parte desse grupo, no que diz respeito a capital, a qual não fazia jus ao título de capital. Natal era considerada uma cidade pobre e pequena, como aponta o periódico, *O Caixeiro* no final do século XIX:

Natal é uma pobre e pequena cidade de edificação irregular e mesquinha: faltão-lhe por enquanto, arrabaldes pitorescos e amenos; os recursos da alimentação são pouco variados e por preços inacessíveis à pobreza; a iluminação muito elementar e parea, é feita por verdadeiras lamparinas, cheias de um recato penumbroso e tímido (...) (A CAPITAL. *O Caixeiro*. Natal, 26 out. 1892)

Além de estar isolada pela natureza (dunas, rio e mar), o que dificultava uma mediação da produção feita no interior, com o porto de Natal e daí para o resto do país. Limitando a cidade e o Estado dos benefícios proporcionados por esta mediação (ARRAIS, 2006).

Considerações finais

Estudando as motivações da construção da representação futurista, assim como a investigação do ambiente intelectual do qual Manoel Dantas e Antônio José de Melo e Souza faziam parte, poderemos trazer à tona novas questões que contribuirão para o estudo da história da cidade do Natal, assim como para a história potiguar.

Levamos em consideração, para a realização desse artigo, que as interpretações feitas sobre discurso de Dantas em *Natal d'aqui a cinquenta annos* e *Vida Potiguar* de Souza não têm dado conta desse ambiente intelectual do qual eles faziam parte, nem o contexto histórico em que tal trabalhos se realizaram. Desta maneira, as palavras destes intelectuais perdem, acreditamos, boa parte de seu sentido, sendo vistas muitas vezes como simples exercício de futurologia, devaneio, fantasia, descoladas da realidade a que pertenciam, e da qual surgiram.

Ressaltemos, ainda, que no caso de Manoel Dantas, a conferência que estudamos tem sido vista isolada também do conjunto de escritos feitos por Dantas em seu ofício como jornalista^{iv}. A Natal que esse membro da elite retrata em conferência não nasce em seu pensamento, nem em suas formas de expressá-lo, da noite para o dia. O sonho de uma Natal moderna – *Rainha das Dunas*, entre outros epítetos – encontra elementos em outros textos que ele escreveu, especialmente os publicados na coluna *Coisas da Terra*, aqui já referida. Ao

cotejarmos estes textos com o da conferência supracitada, acreditamos poder desenvolver um caminho de análise que permite uma nova interpretação sobre o documento em questão.

Referências

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska e MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.

_____. Da natureza à técnica: a capital do Rio Grande do Norte no início do século XX. In: FERREIRA, Ângela; DANTAS, George. *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*. Natal: EDUFRN, 2006.

BROCA, Brito. A mania das conferências. In. _____ *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro, 1975.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

DANTAS, George. *A formação das representações sobre a cidade colonial no Brasil*. Tese apresentada a EESC – USP. São Paulo, 2009.

DANTAS, Manoel. *Natal d'aqui ha cincoenta annos: segunda conferencia realizada no Salão de Honra do Palácio do Governo em 21 de março de 1909*. Natal: Flor do Sal, 2009 (fac-similar da primeira edição lançada pela Imprensa Official, em 1909).

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006.

LIMA, Pedro de. *O Mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2000.

MARINHO, Renato. *NATAL, OUTRA CIDADE!:* o papel da Intendência Municipal no desenvolvimento de uma nova ordem urbana (1904-1929). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História/UFRN. Natal/RN, 2012.

OLIVEIRA, Giovana. A conferência de Manoel Dantas: A elite natalense construindo a imagem de cidade moderna. In: FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George. *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*. Natal: EDUFRN, 2006.

SILVA, Josué; ESTEVAM, João; FAGUNDES, Emygdio. *A Maçonaria no Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2001 (edição fac-similar à publicada pel'A Imprensa, em 1924).

SOUZA, Antônio José. *Vida Potiguar*. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

Notas

ⁱ Aos falarmos em ideias de modernidade, queremos nos referir ao desejo pelo progresso, palavra muitas vezes grafada com inicial maiúscula, pelo desenvolvimento técnico e científico, ao avanço de novas áreas de conhecimento como o Urbanismo e o Higienismo, desejo vivenciado na Europa a partir do XIX e que cresce em Natal com a instauração da República.

ⁱⁱ Uma rápida análise sobre esse conceito de representação – trabalhado por Chartier, Ginzburg, P. Bourdieu, entre outros – e seu papel na história cultural pode ser visto na introdução da tese de George Dantas (DANTAS, 2009, p. 19-61).

ⁱⁱⁱ Manoel Dantas ingressou no mencionado periódico em 1897, tornando-se seu redator-chefe a partir de 1900, posição que deixará em 1908, dando então lugar ao dr. Sérgio Barretto.

^{iv} Como vemos *n'A Republica*, Manoel Dantas via-se, principalmente, como “homem de imprensa”. *A REPUBLICA*, Natal, 4 maio. 1924.